

Riscos que se corre em novas descobertas

ANA RITA TENE

A adolescência é uma fase de descobertas para muitas meninas. É também o período de definição sobre o que querem fazer na fase adulta e as áreas de formação que gostariam de abraçar.



Serviços de SMI dominados por adolescentes na Moamba

No entanto, nem sempre esse momento corre como se espera e elas acabam interrompendo o seu curso de desenvolvimento. A partir dos 15 anos, por exemplo, elas podem encontrar o primeiro namorado

No distrito de Moamba, província de Maputo, o cenário não podia fugir a esta pequena "regra". Ali, muitas raparigas com idades compreendidas entre 14 e 17 anos procuram os serviços de saúde para as consultas pré-natal e o controlo

são meninas que descobriram a vida sexual mais cedo e por falta de informação sobre os métodos anticoncepcionais ou poder de decisão sobre a relação, acabaram grávidas e foram encaminhadas pelos pais para a casa dos seus parceiros.

e viver em casa do pai da sua filha e abandonou a escola por completo.

"Era aluna da 7ª classe, quando engravidou e com a gravidez fiquei impossibilitada de realizar os exames finais. Os meus pais optaram em me levar

alcançados na medicina, uma gravidez na adolescência traz consequências para a rapariga, pois as exigências para o seu crescimento e a probabilidade de uma gestação de risco, que pode terminar em aborto, parto arrastado ou nado morto são

Já tivemos situações mais graves

– afirma Alice Tsabete, enfermeira de SMI na Moamba

QUANDO a enfermeira de Saúde Materno-infantil (SMI), Alice Tsabete, chegou ao centro de Saúde da Moamba, na província de Maputo, o número de meninas menores de 14 anos grávidas que procuravam o serviço pré-natal era alarmante.

No entanto, o diálogo com a rapariga, quer no centro de saúde ou na comunidade, sobre as consequências de uma gravidez na adolescência, tem estado a reduzir estas situações, permitindo-lhes completar a educação obrigatória, que termina na 7ª classe

"Ainda temos crianças com 16 ou 17 anos grávidas ou com bebé de um ano, sinal de que teve o parto com 15 anos de idade. Isso acontece, porque a maioria da nossa população acredita que a menina nasce e cresce para casar e ter filhos e não para estudar", disse.

Tsabete alertou para a existência de situações, nas zonas mais recônditas, de crianças que acabam abandonado a escola e ficam grávidas, situação justificada muitas vezes pelas crenças culturais e educação da rapariga na comunidade.

"Antes nós recebíamos crianças, com idades compreendidas



Já tivemos situações de menores com 12 ou 13 anos – Alice Tsabete

entre 12 e 14 anos. Agora estamos notamos que as meninas engravidam depois do 15 anos. Com os serviços SAAJ, a informação está cada vez mais presente nas escolas, reunimos com líderes comunitários para dar a informação de que não deve estimular os casamentos prematuros", acrescentou.

Uma das consequências dessas gravidezes tem sido as complicações no parto e pelo facto de Moamba dispor de uma unidade sanitária que é de nível II, as ra-

parigas acabam sendo referidas ao Hospital Provincial da Matola para terem o seu bebé.

"Muitas das vezes elas aparecem com incompatibilidade cefalo-pélvica, o que quer dizer que ela é nova e não pode ter um parto normal, sob o risco de ter um traumatismo no canal de parto que pode levar até à morte e hemorragias. Então nós, quando temos menores, referimos à província e cuidamos dela na fase pós-parto", afirmou a enfermeira.

Ainda há vontade de regressar à escola



Arlindo está no oitavo mês de gestação e terá que interromper a escola até à altura do parto.

Findo o período de resguardo, Jéssica pretende se reinscrever na 9ª classe para dar continuidade aos seus estudos, formar-se e encontrar um trabalho que lhe permita sustentar o seu filho e ajudar o seu marido na manutenção das despesas da casa.

Mesmo que pareça tarde, estas meninas estão dispostas a fazer tudo diferente, apesar das hemorragias

Serviços de SMI dominados por adolescentes na Moamba

No entanto, nem sempre esse momento corre como se espera e elas acabam interrompendo o seu curso de desenvolvimento. A partir dos 15 anos, por exemplo, elas podem encontrar o primeiro namorado e acabarem grávidas ainda no ensino primário ou no primeiro ciclo do nível secundário.

A gravidez precoce e as uniões prematuras figuram no topo das causas do abandono escolar por parte das raparigas no país, com maior enfoque para as zonas rurais, onde estas não têm a possibilidade de frequentar as aulas no período nocturno.

No distrito de Moamba, província de Maputo, o cenário não podia fugir a esta pequena "regra". Ali, muitas raparigas com idades compreendidas entre 14 e 17 anos procuram os serviços de saúde para as consultas pré-natal e o controlo de crescimento dos seus bebés.

Quando a nossa reportagem chegou ao Centro de Saúde da Moamba, uma situação peculiar chamou atenção – o facto de a maioria das mulheres que procura os serviços de saúde materno-infantil serem adolescentes e/ou mulheres com mais de cinco filhos.

No caso das adolescentes,

são meninas que descobriram a vida sexual mais cedo e por falta de informação sobre os métodos anticonceptivos ou poder de decisão sobre a relação, acabaram grávidas e foram encaminhadas pelos pais para a casa dos seus parceiros. Mira Armando tem 17 anos de idade, vive na zona de cimento da Vila de Moamba e é mãe de uma bebé de sete meses.

Segundo conta, conheceu o seu marido quando tinha 15 anos e ele 19 anos. Desse envolvimento, Mira ficou grávida aos 15 anos e teve a filha no ano passado. Com isso, ela teve que interromper o ano lectivo

e viver em casa do pai da sua filha e abandonou a escola por completo.

"Era aluna da 7ª classe, quando engravidei e com a gravidez fiquei impossibilitada de realizar os exames finais. Os meus pais optaram em me levar à casa dos meus sogros para que cuidassem de mim no período pós-parto", conta a jovem.

Com os cuidados oferecidos na consulta pré-natal, Mira conseguiu levar a gravidez a termo e ter um parto normal, assistido por técnicos de Saúde Materno-infantil no Centro de Saúde da Moamba.

É que apesar dos avanços

alcançados na medicina, uma gravidez na adolescência traz consequências para a rapariga, pois as exigências para o seu crescimento e a probabilidade de uma gestação de risco, que pode terminar em aborto, parto arrastado ou nado morto são maiores.

O Ministério da Saúde (MISAU) reporta que as taxas de mortalidade materna são elevadas no país, estimando-se que ocorram 400 mortes por 100 mil nados vivos, parte das quais acontece em menores de idade que se casam numa fase prematura, devido a complicações no parto.



Jéssica Arlindo, falando ao "Notícias"

APESAR de a gestação e maternidade terem atrasado o sonho das raparigas de estudar, se formar para ter um bom emprego, ainda existe esperança e acima de tudo vontade de superar os obstáculos resultantes da maternidade e vol-

tar a sonhar.

É por isso que muitas delas anseiam pelo regresso à escola, assim que conseguirem desmamentar os bebés e conseguirem alguém que possa ficar com os seus filhos para que possam estudar. Jéssica

Arlindo está no oitavo mês de gestação e terá que interromper a escola até à altura do parto.

Findo o período de resguardo, Jéssica pretende se reinscrever na 9ª classe para dar continuidade aos seus estudos, formar-se e encontrar um trabalho que lhe permita sustentar o seu filho e ajudar o seu marido na manutenção das despesas da casa.

Mesmo que pareça tarde, estas meninas estão dispostas a fazer tudo diferente, vencer as barreiras geradas pela maternidade e retomar o seu curso de crescimento e formação profissional. É que para muitas delas, a maternidade acaba roubando até mesmo a vontade de ter um trabalho condigno, facto que só se consegue com a formação.

"Eu sei que estarei um pouco atrasada para começar da 7ª classe em que interrompi em 2016. Mas graças ao apoio do meu marido vou conseguir alcançar esse sonho. Ele prometeu-me apoiar nos meus planos de educação e vou poder deixar a criação para ir à escola", disse Mira Armando, outra jovem que pretende retomar à escola depois do parto.

Eles decidem pelo uso do preservativo



Mira Armando parou de ir à escola devido a uma gravidez indesejada

UMA das causas da gravidez na adolescência é a incapacidade de negociação das raparigas sobre o uso dos métodos anticonceptivos ou de prevenção de infecções sexualmente trans-

missíveis, decisão que acaba sempre ficando com o homem, quer seja jovem ou adulto.

É que mesmo nas relações que envolvem adultos, muitas mulheres se sujeitam a gesta-



Márcia não pode decidir sobre o uso ou não de métodos anticonceptivos

ções múltiplas com medo de perder o seu marido e serem co-notadas por quererem evitar uma possível gravidez. A maioria das adolescentes interpeladas pela nossa Reportagem relata que os

seus parceiros é que sempre tiveram o poder de decisão sobre o uso de preservativo.

Márcia Samuel tem 16 anos e ficou grávida quando tinha 15 anos por não ter tido a pos-

sibilidade de escolher entre o uso do preservativo ou outro método anticonceptivo. Começou a namorar em 2016, altura em que engravidou e teve o seu primeiro filho, que está agora com seis meses de idade.

"Conheci o meu marido na escola, envolvemo-nos sexualmente e com a gravidez tive que interromper a 8ª classe. Eu conheço os métodos de planeamento familiar e ouvi diversas palestras sobre o HIV e Sida, mas o meu namorado na altura preferiu não usar o preservativo", explicou Márcia.

Outro factor que concorre para a gravidez precoce nas zonas rurais tem a ver com questões sócio-culturais, onde os mais velhos disseminam a ideia de que a rapariga deve ser submissa ao seu marido e que esta deve obediência ao homem, por ser a base da família.

A história de Márcia assemelha-se a de outras jovens como Mira Armando, que também não pôde exigir ao seu namorado, para que prevenissem uma gravidez e teve o receio de se dirigir aos serviços de saúde para adquirir outros métodos de prevenção.

"Ele sempre disse que se engravidasse ia assumir a mim e a criança e que por isso não havia necessidade de usar o preservativo. Hoje me arrependo por ter deixado a escola para trás e se pudesse recuar, faria diferente", disse Mira.

Saúde preocupada em divulgar as consequências

O SECTOR da Saúde e Acção Social na Moamba tem estado a trabalhar na divulgação dos casamentos prematuros, mostrando às comunidades quais as complicações de uma menina se casar antes do tempo e garantir os seus direitos sexuais e reprodutivos.

Segundo Aulina Chirute, médica no Centro de Saúde da Moamba, o sector da Saúde tem estado a prover os serviços para que a adolescente possa ter informação adequada sobre como começar uma vida sexual e como é que ela pode prevenir a gravidez, onde poder encontrar os serviços.

"Acima de tudo, temos que estar preparados para esta demanda, como acolher os jovens e olhar para eles de forma holística. Estamos preocupados em dar a informação sobre o impacto de uma gravidez na adolescência, quer para a saúde da rapariga, quer para a criança que vem ao mundo", acrescentou.

Tendo em conta que a realidade do jovem não é só na es-



cola, a fonte defende a necessidade de olhar para os que estão na comunidade e garantir que a informação chegue. O trabalho tem sido acompanhado pelo apoio psicossocial da menina na fase pós-parto e quando esta declare a vontade de retomar a escola.

"A nossa maior luta é de que estas raparigas, depois de engravidarem tenham acesso aos cuidados elementares de saúde. E porque as gestações sempre representam algum perigo, redobramos a atenção quando se trata de crianças que esperam crianças", garantiu.